

A Tribuna Operária não se contenta no último dia da greve. Ela busca por assistência adequada, clamando por uma greve e de empobrecer na luta pela liberdade.

Tribuna Operária

ANO IV Nº 141 — DE 24 A 31 DE OUTUBRO DE 1983

Cr\$ 150,00

Cerco ao Congresso não salva o 2045



Até o jumento Jericar, que o papa não quis, esteve na Praça dos Três Poderes para ajudar a derrotar o governo da faule

Sob a pressão de caravanas de sindicalistas, mulheres e populares vindos de todo o Brasil, o Congresso Nacional derrubou quarta-feira passada o famigerado decreto 2.045, da fome e do arrocho salarial. Figueiredo ainda tentou coagir os parlamentares decretando medidas de emergência no Distrito Federal, que está sob virtual intervenção militar por 60 dias, mas terminou fragorosamente derrotado. Mesmo assim não tomou jeito: imediatamente baixou o decreto 2.064, com o mesmo conteúdo básico do 2.045.



OPINIONÁRIA

O Executivo ilhado

Você, leitor, chegou a ter alguma ilusão com as promessas de negociação do general Figueiredo? Pois alguns políticos burgueses chegaram a se entusiasmar com esta perspectiva. Mas o sonho durou pouco. A "boa vontade" que elogiaram no presidente logo se revelou sob a forma de medidas de emergência para cercar e intimidar o Congresso Nacional.

Com este governo não há negociação possível. Sua substituição urgente é a primeira exigência para que o país comece a sair do atoleiro em que foi atraído pela incompetência dos generais.

O povo é que tem de se unir e tomar medidas de emergência para pôr fim a este governo que não tem mais como governar. É para resolver o impasse entre uma imensa maioria que vai desde os trabalhadores a todos os democratas, passando inclusive por setores significativos das classes dominantes — arrastando até uma parte do PDS! — e saravada de ameaças, golpes e decretos de um Poder Executivo em frangalhos, que só representa uma infima minoria atrelada ao capital financeiro internacional. Só assim é possível dar um basta aos atentados contra as prerrogativas do Congresso Nacional sempre que este poder ouve e respeita o sentimento do povo que o elegeu e a quem tem por obrigação servir.

O que aconteceu na última quarta-feira culmina um longo processo de desmascaramento do governo. Nunca ficou tão evidente que os generais só toleram a existência do Congresso Nacional se ele aceitar o papel de biombo para as arbitrariedades e traições do Poder Executivo, que os militares controlam monitolicamente desde 1964. Qualquer gesto de independência do Parlamento é encarado pelos donos do poder como um crime hediondo. E qualquer fiscalização dos eleitores sobre os deputados e senadores é considerada "subversão da ordem".

A única pressão que os generais

chamam de democrática é a de tropas apontando os fuzis para o Congresso — seja para fechá-lo ou para intimidá-lo a votar leis ou decretos contra o povo e a nação — como já foi feito tantas vezes desde o golpe militar de 1964.

O episódio revela também que o descontentamento das massas é tão intenso que, além de impulsionar os congressistas a não aceitar as imposições do governo a serviço do FMI, faz com que a insubmissão brote dentro do próprio PDS. A simples presença de caravanas de trabalhadores e de um grupo de mulheres no Congresso apavora os generais, porque representa a vontade unitária de milhões e milhões de brasileiros.

O Executivo está ilhado. Existe um antagonismo aberto entre o governo e a nação. O desatino de Figueiredo, ao baixar decreto sobre decreto, só terá como resultado derrota sobre derrota, aprofundando o fosso entre Executivo e Legislativo e acelerando o deslecho da crise de poder.

Figueiredo, Delfim, seu "ministro até o fim", e o FMI sofreram uma derrota amarga. O novo decreto 2.064, como os anteriores, e como o governo que os inventou, está condenado sem salvação à lata do lixo.

As medidas de emergência tomadas por Figueiredo mostram como os fascistas estão dispostos a novos atentados à democracia. Mas não estamos mais em 1964. Hoje os "salvadores da pátria" e seus golpes "redentores" estão atolados num mar de corrupção e de traição nacional. Estão descredenciados até por alguns ex-parceiros de quartelada. Se tentarem novas aventuras golpistas, num prazo muito curto a mesa pode virar sobre eles mesmos. O povo e os democratas têm o dever de desarticular estas manobras e se unir para apressar a conquista de um governo provisório, democrático, para abrir o caminho da liberdade.

Ato público pela LEGALIDADE do PC do BRASIL



dia 28 de outubro, 19h30 Assembleia Legislativa de SP

No último dia 19 foi apresentado na Câmara Municipal de S. Paulo, pelo vereador Antônio Carlos, um voto de Júbilo pelo ato em favor da legalidade do PC do B. Esteve presente uma delegação de comunistas encabeçada por Dyneas Aguiar, da Comissão Nacional pela Legalidade do PC do Brasil. Pág. 4.

O cinema da Albânia estréia em nosso país

"Quando rodávamos um filme" será apresentado no Festival do MASP. Pág. 7

Filho de Figueiredo acusado de corrupção

Governo não quer que Paulo Figueiredo deponha na CPI da Capela. página 8

Greve nas frentes de trabalho do Ceará

Os nordestinos só param a greve quando receberem os salários atrasados. Pág. 8

Sindicalistas preparam encontro da Praia Grande

Uma avaliação sobre o Congresso da Praia Grande e a postura dos operários conscientes



George Schultz, um monopolista lanque

O que o enviado de Reagan vem fazer no Brasil?

O secretário do governo dos EUA chega ao Brasil na segunda-feira e abordará a nossa economia. Pág. 2



Heitor, morto durante a campanha

Um ano do assassinato de Heitor Furtado

No dia 22 completa-se um ano do assassinato do deputado Heitor Furtado, da Tendencia Popular do PMDB paraense. O mais jovem deputado federal do país (26 anos), teve sua vida ceifada durante a campanha eleitoral de 1982 — quando o general Figueiredo anunciou que os paracaidistas poderiam até "cometer pecados" para impedir a derrota do PDS. A Tribuna Operária, ao recordar essa data, reafirma seu compromisso com a causa da liberdade e da felicidade de nosso povo, causa pela qual Heitor, e tantos outros brasileiros, vertiram seu generoso sangue.

Schultz vem golpear o que resta da soberania do Brasil

No dia 25 de outubro desembarca no Brasil Mister Schultz, Secretário de Estado do governo norte-americano. Seu objetivo: preparar o golpe de misericórdia para o pouco que resta da nossa soberania nacional: reforçar a nova etapa de dominação, iniciada pela visita de Reagan em 1982.

Schultz chega ao Brasil num momento calculado. Estamos na pior situação econômica de toda a nossa história. Muito pior do que em 1982. O FMI e os banqueiros empurraram todos as nossas de empréstimos. Mais uma vez o Brasil está na rua da amargura, precisando de empréstimos-ponte, para agüentar mais alguns dias.

Schultz não é apenas um burguês monopolista, é a própria representação da maior potência imperialista do planeta. O Brasil foi empurrado para as negociações de Estado para Estado. Ai

não se negociam apenas taxas de juros ou prazos. O que está na mesa é a soberania nacional.

Dois objetivos se destacam no plano norte-americano: o estabelecimento de novos acordos militares com o Brasil, transformando nosso país num peão para o tabuleiro de guerra do Pentágono; e a aplicação de rigoroso arrocho salarial, seja através do 2.045 ou de qualquer outro jeito.

A visita de Schultz é a segunda etapa de um processo desencadeado pela visita de Reagan em 30 de novembro passado. Nessa ocasião Schultz forçou a formação de quatro "grupos de trabalho", que na verdade poderiam ser chamados de grupos de chantagem, para atuar na área militar, indústria e comércio, financeira e de energia nuclear.

Depois de 11 meses, Schultz vem oficialmente analisar o resultado. Os americanos queriam que o Brasil mudasse o conjunto de

sua política para aniquilar o restante de soberania e autonomia que nos resta. Figueiredo foi aceitando as imposições e manobrando para aplicar essa política. O regime militar, que nunca foi nacionalista, passou a atuar sem disfarces. Houve o afastamento do embaixador Silveira de Washington (a pedido dos norte-americanos), o triste episódio dos aviões libtos que se deslocavam para a Nicarágua e foram barrados pelo governo brasileiro (ordens de Washington). A própria submissão total aos banqueiros estrangeiros e aos acordos com o FMI foram em grande parte imposições do imperialismo norte-americano.

Mas o governo não está conseguindo aplicar totalmente a política dos gringos. Schultz veio para dar um ultimato, quer acabar com a informática brasileira, liberação total para os investimentos americanos, dobrar a nação e o congresso. É uma visita de chantagem, um insulto aos brasileiros.

Arrogância imperialista no conflito Irã-Iraque

As potências imperialistas ocidentais, em especial os Estados Unidos e a França, vêm se intrometendo cada vez mais no conflito Irã x Iraque, criando mais um foco de guerra aberta no mundo. Há cerca de duas semanas a França selou a venda ao Iraque de cinco caças "Super Etandart", equipados com mísseis Exocet, apesar de todos os avisos do Irã. Em represália, este país ameaçou fechar o estreito de Ormuz na saída do Golfo Pérsico. Esta é uma região estratégica para o escoamento do petróleo do Oriente Médio para o mundo ocidental.

A arrogância imperialista logo se fez sentir. A Casa Branca imediatamente anunciou que interviria militarmente, caso a ameaça iraniana se concretizasse. Para provar que "não estão brincando", os imperialistas ianques enviaram para a região o porta-aviões Tarawa, com 2 mil marinheiros, que estava na costa do Líbano. Enquanto isso, os seus países árabes, aliados dos norte-americanos, do Conselho de Cooperação do Golfo, iniciaram manobras militares conjuntas na costa dos Emirados Árabes Unidos, ao longo do estreito de Ormuz, com a participação de aviões F-15 norte-americanos. Foi justamente para episódios como estes que os Estados Unidos formaram a força de intervenção rápida, especializada em ações no Oriente Médio. A força é composta por 230 mil soldados, três porta-aviões e suas respectivas escoltas, além de aviões.

Uma espécie de Rockefeller

George Schultz é um dos mais poderosos representantes da burguesia monopolista norte-americana. É hoje uma espécie de Rockefeller. É um dos donos da Bechtel, o mais poderoso grupo de engenharia civil do mundo.

No últimos 10 anos Schultz sempre esteve na esfera do poder. Foi Secretário do Trabalho e do Tesouro nos governos Nixon e Ford, chegou a ser envolvido no escândalo de Watergate. Agora é o Secretário de Estado, responsável pela política internacional.

O Grupo Bechtel é um dos mais fortes do mundo, Schultz era presidente antes de ser secretário. Aliás o governo executivo se confunde com as multinacionais num entrelaçamento. Outro homem da Bechtel pertence ao governo Reagan, é o Caspar Weinberger, secretário de Defesa. Só por aí já dá para perceber a força política dessa empresa.

A Bechtel constrói aeroportos, oleodutos, fábricas e usinas em todo o mundo. Chegou até mesmo a fechar um contrato de mais de 100 bilhões de dólares



Schultz: monopolista da Bechtel

para construir uma cidade industrial inteira na Arábia Saudita (Jubail), um valor que se aproxima da dívida externa brasileira.

E no Brasil? São vastos os interesses de Schultz (e de Bechtel, é claro). Eles se concentram no grupo Brasilinvest, onde Schultz tem como sócio o "testa de Ferro" Mário Garnero. Não é à toa que essa empresa está tendo rápido crescimento, abocanhando as telecomunicações brasileiras e outros setores estratégicos.



O ministro Guerreiro, do Brasil, e Schultz, enviado do imperialismo ianque

Ataque racista a Moçambique

Tropas racistas da África do Sul voltaram a invadir Moçambique para praticar atos de terrorismo no último dia 17. Um comando sul-africano penetrou em Maputo e explodiu três bombas no edifício do escritório do Congresso Nacional Africano (CNA), movimento que luta contra o criminoso regime do Apartheid. Três membros do CNA e dois civis moçambicanos ficaram feridos na explosão.

Esta é a quarta vez que as tropas racistas da África do Sul atacaram diretamente a Moçambique, desde 1981. Em maio deste ano, aviões sul-africanos bombardearam um subúrbio de Maputo, matando 19 pessoas. Os racistas financiam e armam um movimento terrorista, fantoches em Moçambique, chamado Revolução Nacional Moçambicana (RNM). No momento do ataque, o dirigente máximo de Moçambique, Samora Machel, encontrava-se na Europa buscando apoio militar e diplomático contra a agressão da África do Sul.

Citicorp registrou lucro de 221 milhões de dólares (Cr\$ 172 bilhões!!!) pelo câmbio oficial, contra 199 milhões de dólares em igual período no ano passado; o Manufactures Hanover Corp. lucrou 88 milhões de dólares (Cr\$ 68 bilhões), contra 85,3 milhões de dólares no ano passado; e o Bankers Trust New York Corp. atingiram 63,3 milhões de dólares de lucro (Cr\$ 49 bilhões), contra 56,1 milhões de dólares em 1982. Esses dados não incluem operações internacionais desses bancos.

Ameaça à Nicarágua

Os Estados Unidos e seus agentes — os grupos contrarrevolucionários que lutam contra o governo sandinista — estão tentando o estrangulamento da economia da Nicarágua através da sabotagem e destruição de terminais de descarga e depósitos de combustível, e também através do boicote à entrega de petróleo e derivados ao país. Num discurso transmitido pela rádio e televisão, o coordenador da junta sandinista, Daniel Ortega, advertiu que os Estados Unidos estão "completando o cerco por mar, ar e terra contra a Nicarágua", e que o povo nicaraguense deve preparar-se para combater "uma invasão do Exército de Honduras ou de tropas americanas". Já a Esso se recusou a continuar abastecendo a Nicarágua os navios nos quais era transportado o petróleo que o país compra do México, e a empresa estatal de petróleo mexicana, Pemex, também se negou a continuar transportando combustível aos portos nicaraguenses. Enquanto isso os grupos contra-revolucionários intensificam suas ações. No dia 14 eles atacaram o Porto Sandino, o segundo porto petrolífero do país, destruindo canalizações recém-reparadas e danificando outras.

Novo governo de Israel em frangalhos

Poucos dias depois da posse u novo governo de Israel, chefiado pelo terrorista Yitshak Shamir, já está absolutamente em frangalhos. A bomba que o implodiu foi a revelação de um plano de transformar o dólar em moeda nacional. Um assessor do ministro de Finanças ainda deu a dica para o Delfim Netto: "A experiência planejada pode servir de modelo para o Brasil, que tem problemas análogos aos de Israel".

A denúncia do plano foi feita pelo jornal "Ieditot Achoranot" causou cólera e indignação. O ministro de Finanças, Yoram Aridor, teve que renunciar. Mas o plano já circulava há pelo menos um ano e meio entre os governos de Israel e dos Estados Unidos. Com certeza já era do conhecimento do próprio Begin — ex-chefe do governo sionista — e da administração Reagan, que cinicamente manifestou-se "surpresa" com a proposta.

A demissão de Aridor agravou a crise política do governo Shamir, que levou mais de um mês para ser formado. Sua substituição pelo deputado Yigal Cohen-Orgad levou o Partido Liberal a ameaçar retirar-se da coalizão governamental, forçando a convocação de novas eleições.

PROTESTOS POPULARES
A revolta contra a "dolarização" se deu em meio aos protestos ge-



Aridor: substituído no governo

neralizados contra as medidas de austeridade e arrocho anunciadas por Shamir apenas 12 horas após tomar posse. A moeda nacional — o Shekel — foi desvalorizada em 23%. Metade dos subsídios à alimentação foram suspensos. O governo anunciou ainda um "2.045" israelense e levantou a necessidade de acabar com os reajustes trimestrais de salários. Houve um autêntico pânico na economia do país, com uma corrida desesperada aos bancos, supermercados e postos de gasolina. No dia 16 (domingo, dia útil em Israel) a Central Sindical Histadrut puxou uma

Posto avançado dos Estados Unidos

O plano de "dolarização" e as medidas de austeridade aplicadas pelo governo Shamir revelam a verdadeira natureza de Israel enquanto posto avançado de agressão do imperialismo ianque contra os povos árabes e em especial ao povo palestino. A economia de Israel só sobrevive graças aos vultuosos empréstimos do capital financeiro ocidental. O país de Begin, Sharon e Shamir tem a maior dívida externa "per capita" do mundo — 21,5 bilhões de dólares para uma população de apenas 4 milhões.

Este financiamento imperialista visa sustentar e viabilizar a monstruosa máquina de guerra israelense. Assim Tel Aviv depende mais de 30% do seu Produto Nacional Bruto com gastos militares.

Esta militarização extrema é a principal responsável pela espiral inflacionária do país, que está atualmente em 131%



Shekel: desvalorizado em 23%

anuais e com perspectivas de alcançar 200%. E o déficit comercial deve chegar a 5 bilhões de dólares este ano. Neste quadro, as medidas de austeridade de Shamir só aumentam o empobrecimento das massas, enquanto o exército mantém gastos onerosos com a ocupação do Líbano.

Portanto, a "dolarização" só viria simplificar uma situação que já é de total colonização de fato. Quem sabe o próximo passo não seja transformar Israel no 51º Estado dos EUA? Triste e irônico fim para o que fundaram Israel para recuperar o "lar nacional do povo judeu"...

greve geral de duas horas no país, contando com a adesão de mais de 1 milhão de operários e funcionários. Em alguns locais a greve

durou o dia todo, como no porto de Ashod. As escolas, e o próprio aeroporto de Israel, aderiram à paralisação. (Luís Fernandes)

Alemães realizam atos contra a guerra no "Outono Quente"

A medida em que se aproxima a data para a instalação dos 572 mísseis nucleares Cruise e Pershing-2, as mobilizações pela paz voltam a entrar em cena com grandes manifestações na Europa Ocidental. Na Alemanha o novo surto de mobilizações contra a corrida armamentista já foi batizado de "Outono Quente".

MANIFESTAÇÕES CRIATIVAS

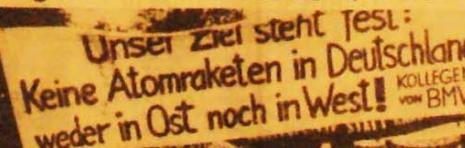
No dia 13 de outubro iniciou-se uma rodada de intensos protestos contra os mísseis nucleares da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), que vai se estender até o dia 22, quando se realizará uma passeata monstro em Bonn.

Os movimentos pela paz vêm usando formas de luta variadas e criativas nas suas mobilizações. No primeiro dia, cerca de 50 mil manifestantes participaram de três ações diferentes, bloqueando as vias de acesso a portos, quar-

teis e instalações militares. Um dos postos bloqueados, o de Bremen, é um dos mais importantes para as tropas americanas instaladas na Europa. Lá estão concentradas as brigadas ianques de intervenção no Oriente Médio e os quartéis gerais de organização de todo o suprimento de armas e munições dos americanos.

CONTRA AS SUPERPOTÊNCIAS

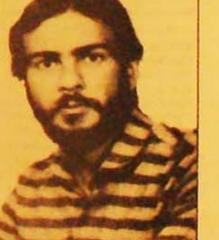
Em vários locais foram erguidos "Acampamentos da Paz", ao lado de bases militares e portos. No dia 15, em Bonn, 5 mil manifestantes formaram uma corrente humana de mais de três quilômetros entre a Estação dos Estados Unidos e a de União Soviética, condenando a política belicista de ambas as superpotências. A polícia alemã-ocidental tem reprimido as mobilizações com violência. Em alguns casos, até mesmo a polícia militar norte-americana se encarregou de espancar os mani-



Operários da BMW protestam contra as bombas nas Alemanha. se mobilizarão em ações pela paz até o dia 22.

Leia e assinie a Tribuna Operária

Após a Tribuna Operária porque é o jornal que retrata de forma mais veraz e real as angústias, sofrimentos, mas também a luta e perseverança de todo o povo brasileiro, principalmente a classe operária. Faça suas que todos os progressistas e democratas de nosso país apoiem este jornal, que é um importante instrumento de luta do povo.



Hélio Fernando, projeto de Arárgaras-C Goiás

Desejo receber em casa a Tribuna Operária

- () Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 10.000,00
- () Anual comum (52 edições) Cr\$ 5.000,00
- () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 5.000,00
- () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 2.500,00
- () Exterior, anual 70 dólares

Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antonio) - Bela Vista São Paulo, SP - CEP 01318

Nome:.....
Endereço:.....
Cidade:..... Estado:..... CEP:.....
Profissão:..... Data:.....

A histórica derrota dos decretos do arrocho



Foto: Domingos Azeiteiro
Luis Paulino: defendido pelo movimento popular

“Estadão” ataca a Regional da Freguesia do Ó

Destilando veneno, o reacionário jornal **O Estado de S. Paulo** vem desenvolvendo há mais de uma semana uma campanha suja contra o engenheiro Luis Paulino, administrador regional da Freguesia do Ó — região periférica da capital paulista. O diário o taxa de incompetente e acusa-o de comunista, pedindo sua demissão ao prefeito Mário Covas. A **Tribuna Operária** ouviu o administrador para saber os reais motivos da perseguição e constatou que há razões mesquinhas e políticas. Eis seu depoimento:

“Logo que assumi, um diretor do jornal telefonou dizendo que a administração anterior oferecia um caminho unicamente para limpar o lixo das redondezas do **Estadão** e queria saber se eu continuaria fazendo o serviço. Disse que não, e eles ficaram queimados. Em seguida passaram a me pressionar para que removesse a favela **Ordem e Progresso**, que fica próxima ao jornal. Alegaram que ela enfiava a área: o proprietário do jornal, o sr. Mesquita, passa por lá todo o dia, e não gosta de vê-la. Novamente não atendi o pedido, pois afinal não há outro local para colocá-la, nem verbas para a remoção, e existem na região outras favelas em condições mais precárias. A partir daí o ataque passou a ser mais violento.

“Nota-se que a questão de fundo é que o jornal dispunha anteriormente de uma série de mordomias, de benesses do poder público nas mãos do PDS, e que eu as eliminei. Afinal não temos condições de ficar lucrando as ruas em volta do **Estadão** enquanto a região da Freguesia está caindo. Nosso dever é atender às reivindicações do conjunto da área, inclusive as do **Estadão**, mas temos que priorizar o fundamental. A questão é política. Cheguei à administração por vontade do povo que derrotou o PDS, que anseia por mudanças, que quer um administrador preocupado com os seus problemas. Já o **Estadão** representa o velho, quer o clientelismo, quer ter privilégios e, como não os encontra, nos pressiona.

“O jornal pediu minha cabeça ao prefeito, mas este deixou claro que nos apóia. Porém isto é uma guerra, e a arma que tenho para continuar na regional é o povo. Já fizemos duas reuniões, uma com os diretores do PMDB da área e outra com entidades populares. Ambas repudiaram o jornal. As entidades vão enviar cartas e procurarão o prefeito para prestar esclarecimento. Entendem que a questão não é pessoal; que o **Estadão** está atacando todo o movimento popular e por isso organizam um movimento de defesa. Sei que não vai ser fácil o **Estadão** nos derrubar. O movimento popular da região não está disposto a se dobrar frente a este tipo de pressão”.

A especulação de um trilhão de cruzeiros

Na segunda-feira, dia 17, um furacão abalou a economia: o governo, num gesto desesperado, pegou um trilhão de cruzeiros emprestados no mercado financeiro. A operação se realizou através da venda de ORTN's com correção cambial, no maior “leilão” financeiro da história do Brasil.

O Brasil passa cada vez mais a ser o centro mundial da especulação financeira. Quem aplica dinheiro nas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN) tem uma espécie de super poupança, que rende correção e juros anuais de 8%. Mas a correção é feita pela desvalorização do cruzeiro, e aí é que está o pulo do gato. Nos últimos 12 meses o dólar subiu 230%, e essa “correção cambial” é que rende para o portador das ORTN. E tem mais, sobre essa quantia não é pago nenhum imposto de renda.

É um roubo do dinheiro público. O governo estimula muito mais a aplicação especulativa do que as atividades produtivas. A medida do Banco Central é um indicativo de desrespeito. Também na economia temos o desrespeito. Na prática, as ORTN's com correção cambial passam a representar a verdadeira moeda nas transações da economia. O governo diz que vem controlando a emissão de papel moeda, mas o que vem fazendo é emitir desesperadamente títulos, o que acaba dando no mesmo.

A medida desesperadora do Banco Central mostra que com Langoni ou com Pastore, o rumo da economia é o mesmo: para o buraco.

Numa nova demonstração de unidade na luta, as oposições, a classe operária e todo o povo brasileiro obtiveram dia 19 passado uma importante vitória sobre o governo militar: rejeitaram, ao mesmo tempo, quatro decretos-lei, entre eles os famigerados 2.036 (que reduzia os salários dos empregados das estatais) e o 2.045.

Durante toda a semana o governo e o PDS montaram uma verdadeira farsa, acenando com propostas de negociação cujo único objetivo era atrair os setores moderados e conciliadores das oposições, buscando obter apoio para suas propostas econômicas recessivas e antipopulares. Depois de sucessivas reuniões entre líderes opositores e políticos do governo, as “negociações” foram encerradas e a oposição decidiu rejeitar os decretos-lei.

O primeiro decreto a ser votado foi o 2.036. Foi derrotado por 260 votos a 3. Foram 195 votos do PMDB, 23 do PDT, 8 do PT, 7 do PTB e 27 do PDS. Os deputados Iturival Nascimento, Genésio de Barros, Joaquim Roriz (do PMDB); Fernando Carvalho, Francisco Studart, Mendonça Falcão, Moacir Franco, Ricardo Ribeiro e Ivete Vargas (PTB) não compareceram à votação. Além disso, os deputados Arnaldo Maciel e Carlos Alberto de Carli, do PMDB, tiveram um comportamento ainda pior, votando a favor do decreto. Essas foram as traíções opositoristas.

Derrubado o 2.036, caminho aberto para novas vitórias

Derrubado o 2.036, e garantido o quórum para votação, o caminho estava aberto para outras vitórias. Assim, os decretos 2.039, 2.040 e 2.045 foram sendo sucessivamente rejeitados pelo voto das lideranças, não sendo sequer necessária a votação nominal.

Mais uma vez ficou comprovada a importância da participação popular como garantia do funcionamento do Congresso Nacional. Apesar de to-



Foto: Wilson Peres
Acenando para as galerias, deputados comemoram as vitórias do histórico dia 19 de outubro

das as ameaças, intimidações e pressões do governo (que chegou mesmo a decretar medidas de emergência para todo o Distrito Federal), o Congresso agiu com dignidade, ouvindo o clamor dos representantes do conjunto do movimento sindical e popular, derrotando os decretos da fome e do arrocho salarial.

Para o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, a decretação das medidas de emergência representou uma afronta ao Poder Legislativo: “Esse foi um ato arbitrário e da responsabilidade do presidente do Congresso, senador Moacir Dalla, que não defende a instituição que representa. Ao contrário, a colocou sob sério risco da arbitrariedade, na medida em que solicitou a adoção dessas chamadas ‘medidas de emergência’. Não havia nenhum motivo para isso. Todos agiram com o maior respeito ao Poder Legislativo. No final, a festa foi do povo”.

Com efeito, o comportamento nas galerias revelou uma extrema sensibilidade das lideranças sindicais e populares e um elevado nível de organização. Durante toda a sessão, as mais de mil pessoas presentes ficaram em completo silêncio, só se manifestando depois do encerramento dos trabalhos. Assim que o senador Moacir Dalla (PDS) encorrou a sessão, as galerias explodiram, cantando o hino nacional e gritando “O povo uni-

do jamais será vencido!” e “FMI, fora daqui!” Esse comportamento acabou desmoralizando o argumento utilizado pelos generais para decretar as “medidas de emergência”. O Poder Legislativo não estava ameaçado em seu funcionamento. Pelo contrário, estava estimulado pela presença do povo a funcionar com independência.

“Manifestação coletiva de repulsa ao decreto 2.045”

Para o deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, este conjunto de episódios “significou uma manifestação coletiva de repulsa ao 2.045, à política econômica do governo, ao FMI e ao monopólio do poder político pelo Executivo. Derrotado estes decretos-lei, o Congresso mostrou à nação que não está mais disposto a se submeter passivamente às ordens emanadas do Palácio do Planalto”.

Na opinião do parlamentar baiano, a vitória contra os decretos revela também que “hoje o governo está na ilegalidade. Desde março passado

ele se submete a sucessivas derrotas, criando um círculo vicioso. Isto representa, ao mesmo tempo, o isolamento político do governo e o caráter arbitrário dos seus métodos. Ao editar um novo decreto-lei, o governo se coloca à margem do processo político brasileiro e alimenta a fúria popular contra si. Hoje, existe um consenso no país: é preciso acabar com este governo e esse regime antinacional, antidemocrático e antipopular”.

Insensível a essas manifestações populares, o regime militar continua em sua rota de afronta aos anseios democráticos e nacionais. No dia seguinte à derrubada dos decretos-lei 2.036 e 2.045, o Palácio do Planalto enviou ao Congresso um novo decreto, mantendo a essência da política do arrocho salarial. O novo decreto leva o número 2.064. Estabelece reajustes integrais para quem ganha até três salários mínimos, reajustes de 95% a 27% do INPC daí para frente. Estabelece ainda medidas semelhantes às do decreto 2.036, mantendo os salários dos empregados das empresas estatais em 80% do INPC expurgado. (Moacir de Oliveira Filho, de Brasília).

Como é o 2.064

O decreto-lei 2.064, baixado pelo general Figueiredo assim que o Congresso Nacional rejeitou em votação o 2.045, consigna o mesmo conteúdo básico deste último. Obediente ao FMI, o governo federal não abre mão do arrocho nos salários. E insiste também no uso do recurso autoritário do decreto-lei, que entra em vigor imediatamente e só será submetido ao Congresso em março de 1984.

No entanto, no enorme texto do novo decreto, publicado quinta-feira no Diário Oficial da União, há recuos em alguns pontos, em relação ao 2.045, diante da indignação generalizada do povo e da derrota de Figueiredo no Congresso. Assim, os trabalhadores que ganham até três salários mínimos passam a receber reajustes de 100% do INPC, contra 80% segundo o 2.045. Os aumentos nos aluguéis e prestações da casa própria ficam limitados a 80% do INPC. São pequenas concessões que Figueiredo justificará perante o FMI como indispensáveis para manter.

O corte salarial, porém, é brutal em comparação com a lei de 1979, ou mesmo com os decretos 2.012 ou 2.024, já jogados ao lixo pelas oposições. Além disso, o decreto 2.064 mantém os reajustes de apenas 80% do INPC para os trabalhadores das empresas estatais. E inclui todo um rosário de medidas — basicamente aumentos nos impostos — que segundo os observadores deverão multiplicar a já insuportável taxa de inflação e o nível dos juros, aprofundando de vez o país na depressão econômica.

Por que a “emergência”?

Com a falsa alegação de que havia em Brasília um “forte clima emocional e de mobilização de agitadores capazes de pôr em risco a ordem pública, a paz social e o livre funcionamento dos poderes”, o governo militar decretou a adoção de medidas de emergência, durante 60 dias, em todo o Distrito Federal, e designou o comandante militar do Planalto, general Newton Cruz, ex-chefe da agência central SNI, como o executor dessas medidas. Em consequência desse decreto, durante o período está sendo o governo pode se ar prisões indiscriminadamente, realizar operações de busca e apreensão em domicílios, suspender a liberdade de reunião e associação e intervir em entidades sindicais.



Foto: Agnaldo D
General Newton Cruz, interventor

A decretação de medidas de emergência foi resultado de um pedido feito pelo presidente do Congresso Nacional, senador bionício Moacir Dalla, que alegou “falta de segurança” para a realização da sessão que derrubou os decretos 2.036 e 2.045. Assustado com a intensa mobilização popular contra os decretos do arrocho, o líder do Congresso abriu a brecha para a decretação das medidas de emergência.

A AMEAÇA ERA DO PDS

Na verdade não havia nenhuma ameaça ao funcionamento do Poder Legislativo, a não ser por parte do próprio PDS que, a exemplo do que ocorreu na votação do decreto 2.024, estava disposto a obstruir a sessão do Congresso e até mesmo a impedir a votação, voltando a apresentar a

questão de ordem exigindo que haja quórum no Senado para que as votações sejam realizadas.

A adoção de medidas de emergência representou um ato arbitrário do governo. Uma tentativa de pressionar e intimidar o Congresso Nacional e o povo que se mobilizou para assistir à histórica votação. No entanto, nada disto surtiu

efeito. Os parlamentares rejeitaram os projetos e o povo não se intimidou, nem mesmo com a presença ostensiva da Polícia Militar nas ruas de Brasília. Muitos incidentes ocorridos na cidade na noite de quarta-feira foram provocados pela própria polícia. Todos os 22 ônibus fretados pelo PMDB do Distrito Federal, que se dirigiam para o Parlamento trazendo representantes do movimento popular e sindical brasileiro, foram detidos pela Polícia no meio do caminho. Quando seus ocupantes decidiram seguir a pé até o Congresso, houve violência policial, cassetes e agressões aos populares.

“ATO VIOLENTO”

Além do caráter claro de ameaça e intimidação, as medidas de emergência revelam a instabilidade da situação política do país. Na opinião do deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, “esse ato violento é um exemplo concreto da precariedade da situação política em que vivemos e significa que o governo não tem mais condições de absorver politicamente pequenas crises. Não havia absolutamente nada que justificasse adoção de medidas desse porte. Foi um ato típico de desespero de um governo que não consegue mais governar”.



Foto: Agnaldo D
Manifestação em Porto Alegre: trabalhador contra o 2.045

A luta forçou unidade de ação dos explorados

A vitória sobre os decretos da fome deixou uma importante lição para o movimento sindical: a unidade dos operários e demais trabalhadores é condição essencial para a conquista de seus objetivos.

A mobilização contra os decretos 2.045 e 2.036 trouxe a Brasília as principais lideranças sindicais do país, que como se sabe acham-se divididas. Mas diante da ameaça de aprovação dos decretos ou de um similar “negociado”, igualmente ruim, o movimento sindical acabou atuando unido.

Pela primeira vez desde a cisão consumada em agosto, os representantes de todas as tendências sentaram-se na mesma mesa, em Brasília, para discutir o encaminhamento comum da luta. Nos Estados, o combate ao arrocho também já havia forçado manifestações unitárias, como a do dia 15 em

Porto Alegre, com cerca de 8 mil participantes.

A reunião de Brasília trouxe uma comissão de 39 dirigentes sindicais representando o conjunto do movimento sindical do país, para acompanhar todos os passos do processo de votação e influir sobre eles, em nome do movimento sindical. Fim da batida, a comissão foi desmobilizada, mas ficou patente a necessidade de abrir um caminho que leve à reunificação do movimento operário e sindical.

Para o deputado operário Aurélio Pêres (PMDB-SP), “a vida vai mostrando na prática que a única maneira dos operários conquistarem as vitórias desejadas pelas suas bases, é através de uma luta efetivamente unitária. Como diz o canteiro, quando a caça é grande todos têm de se unir para abatê-la”.



Foto: Wilson Peres
A Polícia Militar mantém as cercanias do Congresso sob vigia

O Congresso sindical de Praia Grande

Dias 4, 5 e 6 de novembro, dois meses após o congresso sindical de São Bernardo, haverá na Praia Grande um fórum com o mesmo nome — Conclat — mas promovido por outro segmento do sindicalismo. Volta a se colocar com força o problema de como, neste quadro concreto, travar a luta cada vez mais indispensável e urgente pela reunificação do movimento sindical.

O fato é que a divisão perdura, apesar dos esforços em contrário, das necessidades e anseios dos assalariados. E por desgraça não se vê ainda qualquer iniciativa séria e expressiva para ultrapassá-la. É uma cisão real e artificial ao mesmo tempo. Artificial do ponto de vista da vontade, da exigência das bases sindicais mais necessitadas que nunca de uma ação unitária. Mas muito real na ótica das cúpulas sindicais dominantes tanto na articulação da Praia Grande como na de São Bernardo. Cada uma delas trata de formar o seu movimentozinho próprio.

Enquanto isso o quadro nacional sofre brusco agravamento: a crise de governo que bate à porta do Planalto, as exigências avassalantes do FMI, uma inflação de 200% em 83, demissões em massa e — muito especialmente — o arrocho salarial galopante que Figueiredo impõe por decreto.

O balanço das respostas do movimento sindical — desde as caravanas a Brasília e atos públicos até a greve geral convocada unilateralmente pela Central — São Bernardo — atesta uma mobilização muito aquém do necessário e do possível. A chaga da discórdia na cúpula entorpece os sindicatos justo quando seria mais urgente pôr em tensão todas as suas forças.

As características do Congresso da Praia Grande

É neste quadro que o Congresso da Praia Grande realizará seus trabalhos. Qual a sua natureza? O que esperar dele? Como tratá-lo? Embora se diga unitário, o Conclat-Praia Grande é, como de São Bernardo, o congresso de uma parte do sindicalismo.

Entre outros, irão à Praia Grande setores até há pouco ausentes da ação intersindical efetiva, mas dominantes na maioria das entidades sindicais do país: direções atrasadas, ministerialistas, pelegos propriamente ditos. Nessas áreas há uma considerável subordinação à máquina das Federações e Confederações. Mas a base dessa estrutura está presente; uma base atrasada em geral, dominada pelo apolitismo, o espírito corporativo; porém sem a partidarização do Conclat-São Bernardo, que, com uma hegemonia petista de nove décimos dos delegados, foi um jogo de cartas marcadas.

Também ao contrário de São Bernardo, onde um número grande e até hoje não revelado de delegados foi tirado "por fora" dos Sindicatos, Praia Grande tem a marca de um congresso de Sindicatos, com os pros e contras dos sindicatos que temos. Em particular, estima-se que os grande e pequenos sindicatos operários devem comparecer em pégarante também a presença maciça dos sindicatos do campo.

As diretorias de todas estas entidades vivem hoje, por assim dizer, sob o cerco das inquietações e pressões, do crescente desejo de participação em boa parte por certos sindicalistas apáticos há anos, irão até a Baía da Sanista para tratar dos grandes problemas atuais.

Um traço do encontro de

Praia Grande merece atenção especial: ao menos pelo que se pode ouvir até agora de seus promotores e participantes, ele não tenderá a formar qualquer organismo que consagre e cristalice a existência de duas articulações intersindicais concorrentes.

Uma porta aberta para reconstruir a unidade rompida

essa atitude tem raiz na recusa direitista em aceitar qualquer central que ponha em xeque a estrutura rigidamente vertical do sindicalismo brasileiro. É fato também que os promotores do Conclat-Praia Grande, como os do Conclat-São Bernardo, têm culpa no cartório pela ruptura dos vínculos intersindicais unitários erguidos a duras penas nos últimos anos. Partiu deles o tiro de misericórdia na Comissão Nacional Pró-CUT, desterido na reunião de 21 de agosto em Brasília.

De qualquer forma fica uma porta aberta para se buscar a reunificação do movimento, com imenso benefício para a interferência das massas operárias e assalariadas em geral na crise política que se precipita.

Soma-se a isto o fato de que na Praia Grande estará um número expressivo de gente da base, em particular operários, que não podem ser deixados à mercê da cúpula acomodada. Todos estes elementos convergem para a necessidade de participar do Congresso da Praia Grande uma tomada de todas as forças avançadas do movimento operário e sindical para jogar um papel ativo, independente e de luta. Nas condições criadas pela existência de formar uma segunda central paralela, e no impasse político atual, a ausência não se justificaria. Não se trata de optar entre as duas articulações que correm paralelamente, mas de usar uma tribuna que se apresenta para "prosseguir, hoje, o combate pela reunificação do nosso maltratado movimento sindical.

Unidade para a luta e na luta das massas trabalhadoras

A unidade que se busca não é a das belas frases de efeito tão usadas nos fóruns sindicais, até por gente que nos bastidores trabalha com afã pela cisão. É unidade para a luta e na luta das massas exploradas, contra seus inimigos para a saída para o impasse nacional.

Por isto estará em pauta na Praia Grande uma tomada de posição vigorosa sobre o momento atual: desde o repúdio à política econômica vigente e da colonização do país pelo FMI até a denúncia do total desgoverno instaurado e sua seqüência lógica, a exigência do fim do regime militar.

No plano sindical, a possibilidade que se abre é de fazer com que o Conclat-Praia Grande proponha e comece a constituir uma comissão paritária de luta pela reunificação, a ser completada pelos companheiros do Conclat-São Bernardo. Caberia a ela convocar e realizar, no prazo máximo de 12 meses, um congresso de reunificação do movimento sindical.

Ao comparecer massivamente e com todo empenho à Praia Grande, os delegados de todo o país que advogam um autêntico sindicalismo classista colocam-se estes objetivos limitados. Coerentes com sua defesa intrínseca da união das massas operárias e populares, buscam a mais ampla adesão a esta plataforma. Ela é, no quadro criado, o meio possível e eficaz de avançar rumo a um Congresso Nacional que seja de fato das Classes Trabalhadoras.

(R. Freitas)



Os operários apoiam a luta para que o Partido seja legal

J. Amazonas no Ceará e no Maranhão

O auditório da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará ficou superlotado de estudantes, professores, intelectuais, operários, comerciantes e camponeses que vieram do interior do Estado até Fortaleza para ouvir o dirigente comunista João Amazonas, que proferiu uma palestra no dia 17 deste mês, com o tema "Existe saída para o Brasil?"

Amazonas falou durante duas horas e meia, prendendo a atenção do público de tal maneira que era possível ouvir o zumbido de um inseto. Iniciou a sua palestra abordando o problema da dívida externa, que atingiu hoje a casa dos 100 bilhões de dólares graças à orientação desastrosa dos generais, incompetentes para administrar o país, comprometidos com o capital estrangeiro, esbanjando o dinheiro público em obras faraônicas, em mordomias, e na vergonhosa corrupção que campeia em todos os setores.

O dirigente comunista apontou a única de todo o povo como único meio para a derrocada do regime militar e condenou o divisionismo no movimento sindical. Ele afirmou que esta divisão só serve à reação e à burguesia e citou, como exemplo negativo, o pluralismo sindical na França, Itália e outros países.

Amazonas condenou igualmente a tese do "consenso" que, a pretexto de obter algumas concessões, só serve para dar fôlego, ao regime militar. Ele defendeu que, ao contrário disto, o que se faz necessário é o consenso de toda a nação para livrar o país da tutela dos generais e do regime militar. Falando sobre a

legalização do Partido Comunista do Brasil, ele mostrou que ela faz parte da luta do povo pela democracia, ressaltando que esta conquista está ligada com o fim do regime militar.

Após a palestra, foram feitas várias perguntas. E o público, mais de 800 pessoas, ao ovacionar o orador, gritava com entusiasmo: "am, dois, três, quatro, cinco mil, viva o Partido Comunista do Brasil!" João Amazonas recebeu um convite especial para visitar a Câmara Municipal e o presidente da Casa, vereador Fluzia Câmara, do PMDB, nomeou um delegado para acompanhá-lo. O vereador Francisco Lopes foi incumbido de fazer uma saudação ao visitante. Num ambiente de grande cordialidade, Amazonas em poucas palavras agradeceu a recepção e ressaltou a urgente necessidade da conquista da liberdade do país.

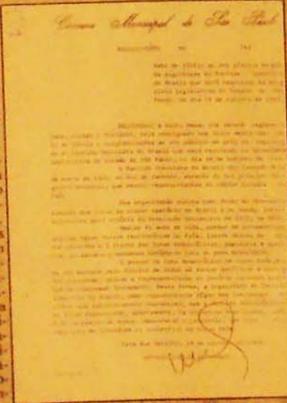
NO MARANHÃO

No dia 14, João Amazonas fez uma palestra, também sobre a saída política para a crise, no auditório da Federação dos Trabalhadores da Indústria do Maranhão, em S. Luis, com o comparecimento de mais de 500 operários, camponeses e populares.

A luta pela legalidade

Vem causando o grande entusiasmo, principalmente entre os operários, o ato público a ser realizado no dia 28, na Assembleia Legislativa de São Paulo, em favor da legalização do Partido Comunista do Brasil.

Os operários da Volkswagen de Taubaté resolveram organizar uma caravana e para isto já se cotizaram e alugaram dois ônibus. Em Suzano trabalhadores simpáticos também alugaram dois ônibus e estão "vendendo" as passagens para os companheiros interessados em comparecer ao ato.



Fac-símile do requerimento na Câmara

nosso país deve ser marcado pelo direito de todas as forças políticas e correntes presentes, ativas e representativas no cenário nacional podem se expressar livremente. Dessa forma, a legalidade do Partido Comunista do Brasil, como representante digno dos interesses da classe que autenticamente representa, tem o direito democrático de se fazer representar, abertamente, na sociedade brasileira".



O início da construção das casas, pela manhã.



As casas prontas, às 18,30 horas



Os novos moradores, transferidos no mesmo dia.

Mil casas feitas em um dia num mutirão em Goiás

O Mutirão da Moradia, realizado no último dia 16, em Goiânia, construiu, em apenas 13 horas, mil casas para a população de baixa renda desta capital. Cerca de 50 mil pessoas foram mobilizadas para este trabalho, que o governador Iris Rezende classificou como "o maior discurso da história de Goiás, feito pelo próprio povo".

O êxito do empreendimento foi comparado com a flagrantíssima incompetência do BNH que, durante anos de existência, não conseguiu cumprir seus objetivos. "A razão disto é simples: o que foi feito em Goiás tem por base a mobilização popular. Enquanto isto o BNH é dirigido por tecnocratas sem nenhum compromisso popular e idealizado por um governo ditatorial e antipopular", explicou o vereador do Bloco Popular do PMDB, Euler Ivo, enquanto trabalhava na construção de uma casa.

MOBILIZAÇÃO POPULAR
Os trabalhos de edificação das

mil casas começaram às 5 horas, quando foram colocadas as primeiras pilastras. Às 18 horas e 30 minutos foi concluída a milésima unidade. Diversas caravanas do interior participaram com grande entusiasmo do mutirão. Um dos acontecimentos mais impressionantes do mutirão foi o fato de que as milhares de pessoas que trabalharam eram voluntárias.

No mesmo dia, domingo, diversas famílias que residiam nas invasões em condições sub-humanas foram removidas para as casas recém-construídas.

O deputado federal Aldo Arantes, coordenador estadual do Bloco Popular do PMDB, explicou que "o povo unido demonstrou mais uma vez a sua força. Isto é uma prova de que para resolver nossos problemas não necessitamos de FIMIs, de banqueiros internacionais e do imperialismo. Ficou provado que o povo com suas próprias mãos poderá resolver seus problemas.

(da sucursal)

Muito entusiasmo nas novas sucursais baianas da T.O.

Mais duas sucursais da Tribuna Operária foram inauguradas na Bahia. Uma, dia 8, em Juazeiro, outra dia 15, em Itapetinga. Com isto já são seis sucursais no Estado, incluindo Salvador.

Em Juazeiro a solenidade de inauguração aconteceu às 20 horas, ao som da Internacional, na presença de mais de 200 pessoas. Com muito entusiasmo foram recebidos os convidados, especialmente o deputado estadual pelo PMDB, o jornalista Luis Nova, o vereador Paulo César Carvalho do PMDB de Juazeiro, e o veterano comunista Saul Rosas, pessoa muito querida na cidade.

Além de estudantes e dirigentes de entidades democráticas de Juazeiro e da vizinha Petrolina, compareceram ao ato um grupo de camponeses do município de Sento Sé que atualmente travam uma luta pela posse de suas terras, no distrito de Puzarrão, guidadas pelo juiz Djalmir Nunes Fernandes.

O deputado Luis Nova falou sobre a "importância da imprensa operária", seguindo-se um debate

que se prolongou até às 23 horas. A festa encerrou-se com um forró até às 3 horas da madrugada.

EM ITAPETINGA

Entusiasmo semelhante verificou-se em Itapetinga. Diversas entidades de bairro e populares compareceram à solenidade, que contou também com a presença do vice-pi feito Zildo Carvalho, do presidente da Câmara Municipal, José Gama Sobrinho, do presidente do PMDB, Izai Amorim, e dos vereadores Antonio Rocha, Manoelito Chaves e Gilson de Jesus.

A sucursal estadual foi representada pelo seu novo responsável Milton Barbosa, e pelo ex-dirigente, Arthur de Paula, que falou sobre os quatro anos da Tribuna Operária e seu papel na luta pelo fim do regime militar e pela conquista da liberdade.

Os responsáveis pelo jornal em Itapetinga homenagearam Arthur de Paula com um quadro de um artista plástico local. E a União dos Estudantes da Bahia enviou uma moção de apoio à nova sucursal.

(da sucursal)

Posseiro baleado por fazendeiros enquanto dormia

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás (Fetag) divulgou no último dia 14 a notícia do bárbaro assassinato do lavrador Belmiro Antônio Filho. Ele foi morto enquanto dormia por Edmir Ferreira e Joaquim Ribeiro, filhos do fazendeiro Joaquim Ribeiro Assunção, proprietário da Fazenda Baú, onde Belmiro trabalhava como peão deste agosto de 1978. No início deste ano o proprietário da fazenda entrou com uma ação judicial para rescindir o contrato com Belmiro e outro trabalhador, Benedito Correia. A primeira audiência estava marcada para o último dia 13, mas antes disto o lavrador foi covaramente assassinado.

Os assassinos prestaram depoimento na Delegacia de Niquelândia, mas foram liberados. A Fetag enviou ofício à Secretaria de Segurança pedindo providências imediatas no sentido de punir os criminosos. "A prática de crimes desta natureza em Goiás tem sido uma constante, pois seus autores e mandantes têm contado com a certeza da impunidade", afirma o ofício, assinado por Amparo Sesil, presidente da Fetag.

Ainda em Niquelândia, a família de Otávio Souza, que trabalhava há 11 anos na fazenda Santa Rita, de José Garibaldi, foi expulsa. Segundo Arsioldo Souza, filho do lavrador, todos os pertences da família foram roubados. "Estávamos perambulando por ai sem nada e fui ameaçado de morte por jagunços de José Garibaldi", conta Arsioldo. (da sucursal)

Violências contra posseiros em Santa Luzia, no Maranhão

Dezenas de posseiros, acompanhados pelo deputado estadual do PMDB Luis Pedro, estiveram nesta semana na Secretaria de Segurança e em vários órgãos ligados ao problema da terra, para denunciar e solicitar providências contra os policiais que se encontram em Santa Luzia a serviço do dr. Ari, gerente da Fazenda Falsa. Estes policiais, junto com pistoleiros, tem levado intranquilidade aos posseiros da região, onde há mais de 1.500 famílias. A comissão denunciou que no último dia 3 chegaram a Arapari, na região, o tenente Amuajay e mais quatro policiais e passaram a perseguir os lavradores, tomando-lhes suas armas. No dia 11, três pistoleiros passaram a ameaçar de morte os posseiros. Logo depois o gerente da Falsa passou a invadir áreas dos lavradores.

Os moradores exigem a demarcação de suas terras, pois as fazendas Falsa e Santo Inácio não estão respeitando os limites existentes. Só que os posseiros entendem melhor que a sua melhor defesa é a luta e já realizaram duas invasões. A primeira contra o Santo Inácio, cujos proprietários a cada dia mudavam a cerca para dentro da área dos lavradores. A segunda na Falsa, que colocou um portão em cada estrada que dá acesso aos povoados e a passaram só a ser realizada mediante autorização. (da sucursal)

Rodoviários exigem eleições sindicais no Espírito Santo

Os rodoviários do Espírito Santo continuam aguardando, ansiosos, que a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) marque novas eleições para diretoria do Sindicato da categoria. Como foi noticiado pela Tribuna Operária, o pleito, inicialmente marcado para julho, foi suspenso em razão de irregularidades praticadas pelo atual presidente, Francisco de Almeida, pelego que reina há 32 anos na entidade. O acatamento da decisão está sendo deviado pelo pelego, pelo advogado do Sindicato, Vilmar Lobo, e pela DRT. "A diretoria chega a elaborar listas negras para as empresas identificando os rodoviários mais conscientes e combativos que apostam a nossa chapa", denuncia Jozair Scharffal, candidato a presidente da chapa 2. (da sucursal)

Secundaristas realizam vitorioso Encontro em Goiás

Realizou-se nos dias 15 e 16, em Anápolis, o I Encontro Estadual dos Estudantes Secundaristas de Goiás, com a participação ativa de 122 delegados de diversos municípios do Estado. As suas principais resoluções foram a formação da Comissão Pró-UGES (União Goiana dos Estudantes Secundaristas) e a criação de uma lista para registrar esta entidade, esta lista da próxima primeira quinzena de maio próxima. Ao final do encontro foram aprovadas várias moções, entre elas a que aprova o projeto de lei do Deputado Federal Aldo Arantes, do PMDB goiano, que extingue os Centros Civis e cria os Grêmios Livres em todo o país, e a que aprova a luta dos trabalhadores contra o arrocho salarial e esorta a unidade do movimento sindical. (da sucursal)

Mulheres e crianças vão ao saque em Vitória

Mulheres e crianças famintas invadiram mais dois supermercados em Vitória, Espírito Santo, dia 15, e levaram os gêneros alimentícios. Num período de 15 dias já houve quatro saques, inclusive até de um carregamento de ossos. Uma mãe afirmou que saqueou "porque o Estado não me paga há três meses e tenho sete filhas passando fome".



Maria: "Saqueei porque estou com fome"

O primeiro saque do dia 15 ocorreu no supermercado Novo Box Morita, em Jucutuquara. Um grupo de aproximadamente 15 mulheres e dez crianças chegou e começou a recolher óleo, arroz, feijão, macarrão e leite em pó. O gerente Aldeidez ainda conseguiu tomar um saco de arroz de uma das mulheres, mas ela quase chorando pediu que a deixasse levar alguma coisa para seus filhos, que estavam "com muita fome".

O outro saque foi na Cobal da Ilha de Santa Maria, de onde foram levados vários pacotes de cinco quilos de arroz. Quando a Polícia Militar chegou já não havia mais ninguém no supermercado, mas ela subiu o morro do Romão e prendeu cinco mulheres. A servente Maria Alves do Carmo, bastante revoltada, foi a única que afirmou ter participado do saque: "Saqueei porque estou com fome. Não sou vagabunda não. Trabalho no Hospital de Praia da Costa, mas não recebo há três meses".

A fome tem levado várias famílias ao desespero. Acabam encontrando como única

alternativa para resolver a sua situação o saque. Maria Alves é um exemplo disso. Ela conta que sua família está passando fome. "Tenho sete filhas, duas ainda de mamadeira, e o Estado não me paga para eu comprar comida. Por isso eu vou saquear mesmo. Não tem mais leite em casa e estão quase cortando a minha luz".

Há casos estardalhaçados, em que a fome é tanta que levou os moradores do bairro Ihanagueta a saquearem uma camionete



Moradores de Ihanagueta saqueiam uma camionete carregada de ossos

nete carregada com ossos e restos de comida. O fato ocorreu no dia 4 de outubro e logo após o saque saíram em fila em direção à favela.

EM SÃO PAULO
No município de São Paulo os saques continuam ocorrendo há mais de um mês. Segundo dados do Serviço de Informações Criminais do Deic, já foram registrados 73 saques e 17 tentativas, somente na capital, de 16 de setembro a 18 de outubro. As invasões a supermercados têm ocorrido geralmente em regiões mais pobres da cidade, como a Leste e a Sul.

Um destes saques foi no Mercado Bandeirantes, na Zona Leste e foram levados cerca de Cr\$ 1 milhão em mercadorias. Na noite do dia 17 mais de 30 pessoas invadiram o estabelecimento e passaram por cima dos balcões para recolher as mercadorias. Na mesma noite uma mulher e dez homens armados com facas chefaram o saque ao Bar Empório Tavares, em Guatuzas, também na Zona Leste.

Moradores unidos em Porto Alegre

Populares de bairros e vilas da capital gaúcha reuniram-se nos dias 14, 15 e 16, na Assembleia Legislativa, e fundaram a União das Associações de Moradores de Porto Alegre (Uampa). Participaram do encontro 51 Associações, representadas por 314 delegados, que decidiram unificar suas lutas para poder reconquistar as melhorias exigidas pelos bairros.

Para Néio Pereira, presidente da Associação Comunitária São Judas Tadeu, eleito para diretoria provisória da Uampa, "a entidade nasce em meio a uma violenta crise econômica que massacrava os trabalhadores. Será uma entidade de luta por melhores condições de vida e pela conquista da mais completa liberdade política". Outro membro da

Vila União, acrescenta: "A criação da Uampa vai propiciar um trabalho mais combativo a nível municipal e impulsionar o movimento comunitário no Estado".

O encontro das entidades de moradores também decidiu apresentar ao Congresso da Fracab (Federação Riograndense de Associações Comunitárias e de Amigos de Bairros) a proposta de realização de um Congresso Estadual do Movimento Popular, com a participação de Sindicatos, Associações de Moradores e outras entidades populares para debater e aprovar uma plataforma de objetivos e ações comuns. Entre outras resoluções, foram aprovadas pelo plenário a luta pelo fim do regime militar e sua substituição por um governo que garanta a mais ampla liberdade de manifestação e organização popular; pelo rompimento imediato do acordo com o FMI e pela suspensão do pagamento da dívida externa; pela legalização da posse da terra e contra os aumentos de terrenos das prestações do BNH. A diretoria provisória eleita tem 11 membros e o pleito definitivo se dará no primeiro semestre de 1984. (da sucursal).



51 Associações presentes na Assembleia Legislativa fundam a Uampa

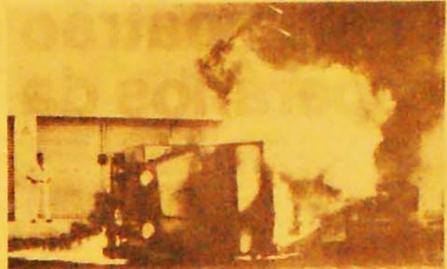
Impunes os assassinos de Margarida

Continuam soltos, impunes, os mandantes e os assassinos da líder camponesa Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Paraíba, baleada em agosto último. Ocorre que o secretário de Segurança do governo estadual está fazendo de tudo para apresentar à opinião pública um "bode expiatório".



A líder sindical morta em agosto afirmou que são inocentes. Na apresentação dos ciganos à imprensa, eles estavam cercados pelo delegado oficial e por um policial portando metralhadora, evidenciando que eram intimidados para que não falassem coisas além do permitido. Apesar da farsa

eles voltaram a insistir que são inocentes. A outra fábula do governo, da polícia e dos usineiros para evitar o esclarecimento do assassinato é a pressão sobre as pessoas que exigem a punição dos culpados. Em cartas anônimas elas são ameaçadas de morte. Até o avô da líder sindical, Sr. Cassimiro, recebeu a ameaça, mas não se intimidou, declarando que agora e quem quer que entrar na luta pela punição "já que a polícia não fez". Também foi formado o Comitê Margarida Maria para pressionar o governo a esclarecer de vez o assassinato e prender os culpados. Encurralado, o governo não sabe mais o que fazer. Comenta-se que o próprio secretário de Segurança chegou a pedir demissão. A apuração da morte levaria ao banco de réus pessoas ligadas ao governo do PDS e é isso que ele tenta evitar. (da sucursal).



Ojipe incendiado, vítima da fúria da população revoltada

Revolta do povo nas ruas de Aracaju

A população de Aracaju revoltou-se contra as medidas do prefeito bionício Heraclito Rollemberg, que tentava impedir a circulação dos taxi-lotação. Na tarde do dia 18, um guarda do Corpo de Bombeiros baleou o motorista de taxi José Clei. Isto foi o estopim para que cerca de mil pessoas destruíssem uma viatura da PM. No dia seguinte o governador aceitou as reivindicações dos taxistas.

Há cerca de dois anos foi criada em Aracaju o sistema taxi-lotação para enfrentar os altos preços das passagens de ônibus. As duas únicas empresas de transporte coletivo da capital sergipana não aceitaram esta concorrência e a partir deste ano a prefeitura começou a fazer uma enérgica repressão contra os taxistas que faziam lotação. Esta atitude do prefeito causou revolta entre os taxistas e os usuários dos taxi-lotação, geralmente moradores da periferia de Aracaju.



José Clei, o motorista de taxi baleado

O dia 18 teve início por volta das 16 horas, na praça Goldfreddo Diniz, onde existe um ponto de lotação. Um guarda do Corpo de Bombeiros matou o taxista José Clei dos Santos Sobral, alegando que ele estava com excesso de passageiros. O taxista saiu do carro e recebeu um tiro no ombro esquerdo disparado pelo guarda.

Povo vai à PM e pede justiça

O taxista John Wayne, que presenciou toda a cena, afirmou que "a turma ficou revoltada e partiu para esmagar o guardinha. Mas ele com medo fugiu". Clei, mesmo ferido, pegou seu carro e tentou se deslocar até o pronto socorro, mas no caminho se chocou com um carro da ITU - Inspeção de Transporte Urbano. Os quatro guardas que estavam no veículo tentaram agredir o taxista, que já estava sem forças. Mas os populares revoltados com aquilo viraram o jipe e botaram fogo. Os policiais fugiram em disparada sob as vaias do povo.

O aparato repressivo logo chegou, mas tendo uma resposta mais enérgica da população não agiu com violência. Quando o Corpo de Bombeiros chegou ao local recebeu uma vaia da multidão de mais de mil pessoas. Em coro os populares gritavam: "Queremos lotação" e "Abaixo os ônibus". Em meio à agitação um senhor saltou e gritou: "Queremos justiça". O centro de Aracaju parecia uma praça de guerra, porque todos os comerciantes pararam suas atividades para apresentar as cenas de coragem do povo.

O taxista baleado José Clei, pai de três crianças menores e com o alívio da casa atrás do três meses disse à Tribuna Operária: "Com sangue ou sem sangue, com vida ou morte, continuarei fazendo o taxi-lotação, porque diante da crise que vive o país, torna-se impossível conseguir emprego". E ele acrescenta que o táxi é seu único meio de sobrevivência. Seu colega John Wayne aproveita a oportunidade para desabafar: "Estou desempregado há oito meses, sem arrumar nada para dar

Taxistas obtêm vitória na luta

O prefeito não perdeu tempo e logo mostrou suas posições anti-democráticas e autoritárias. Solto nos primeiros páginas dos jornais e nos rádios e TVs, ameaçando os taxistas que continuassem fazendo lotações perderiam as concessões. Só na imprensa local o prefeito gastou mais de Cr\$ 10 milhões em matérias pagas para combater o que ele chamou de "rebeldia de poucos". No mesmo dia o Secretário de Segurança, Luis Bispo, e o comandante da Polícia Militar, Coronel Barreto Mota, se reuniram com Heraclito Rollemberg para coordenar a operação de guerra contra os taxistas e a população que os apoia.

Mas este aparato repressivo não diminuiu o ânimo dos taxistas e da população. Na manhã do dia 19, cerca de 300 taxistas saíram em passeata à pé até o Palácio do Governo. Conseguiram marcar uma audiência com o governador João Alves Filho, que aceitou três das quatro reivindicações dos manifestantes. Foi reconhecida a situação dos taxi-lotação. Foi suspenso a repressão contra eles e criada uma comissão para regulamentar os seus serviços. O governador não assinou a última reivindicação, que era a demissão do prefeito e do secretário dos Transportes. (da sucursal).

Milico patrão explora operários da Taurus

A Taurus é uma empresa de armas que não está em crise. Como todas do setor de armamentos. Recentemente assinou um contrato com a Libia de 40 milhões de cruzeiros. Mas os trabalhadores recebem os piores salários da Zona Sul e ainda mantêm quatro turnos, além da enorme rotatividade. Recentemente a Taurus contratou vários operários profissionais com salários menores que os de ajudante geral.

A empresa ainda inventou um tal de aumento proporcional que é um absurdo. Faz promessas e ilude os operários com o tal prêmio de produção, que é responsável pelo aumento considerável dos acidentes de trabalho. O pelo é forçado a trabalhar num ritmo muito acima do normal para ter os vencimentos completados e aí acabam ocorrendo os acidentes.

Vejam o absurdo que é. O operário é registrado em carteira com salário de Cr\$ 257,00 por hora e no holerite sempre recebe o equivalente a Cr\$ 241,00 reduzindo desta forma os salários e tendo aumentada a produtividade.

Nessa empresa as condições de trabalho são péssimas. A CIPA de nada vale, pois nela os representantes dos operários nunca conseguiram ser eleitos. Só os apadrinhados e chefetes é que fazem parte, calando-se diante das ameaças às nossas vidas.

Nos últimos dois anos um operário da Taurus afirmou ter presenciado seis acidentes graves com perda de dedos, olhos e ultimamente um companheiro, conhecido pelo nome de *Biro-Biro*, perdeu quatro dedos da mão esquerda na serra circular.

O chefe da segurança, um estúpido policial de

nome Jorge, do CPOR, que só pensa em perseguir o trabalhador, principalmente os que vão ao Sindicato, mandou fazer uma relação com o nome dos operários que eram sócios do Sindicato e passou a pressionar individualmente um por um. Nesse trabalho sujo contra a classe ele é acompanhado pelo *Sapo Boi*, o sr. Roberto Carlos, chefe do RI e pelo *Pipoca*, gerente de produção. Devemos ainda denunciar de público vários ex-militares dedo-duros, como o sub-gerente Paulo *Fuscaço Preto*, o Amaro da montagem, além de dedo-duros como o *Mala Vêia*, o *Zé do Saco* e outros safados traidores da classe.

Já houve casos de mandarem operários para o DOPS para serem torturados, acusados de roubarem armas. Certa oportunidade começaram a surrar um colega logo na porta da fábrica.



Hospital Cruz Azul suga o sangue dos funcionários

O Hospital Cruz Azul vem há tempos com um método que preocupa bastante, principalmente à categoria dos Auxiliares e Atendentes de Enfermagem. Eles admitem o funcionário após testes teóricos e práticos (que não é pago o meio período) como na maioria dos hospitais e expõe este funcionário a um período de 90 dias no mais rígido regulamento. Tudo é observado: trabalho, uniforme, relacionamento com o colega, com a supervisão, com o paciente, tenentes, coronéis, etc.

Com um mês de casa a pessoa é pressionada por todos os lados. Ao menor deslize (que na maioria dos casos nem há), este funcionário é simplesmente demitido ao término da experiência. E se por acaso nada houver neste período, ao fim de 90 dias é reprovado com a desculpa salarial. Dizem que a partir do últi-



mo dia de experiência o salário será reduzido em 20%. Se ainda este funcionário desperado aceitar, dizem que a empresa não poderá baixar o sa-

lário e que infelizmente terá que demitir o funcionário.

Pensam que por ser um hospital da Polícia Militar têm o direito de

brincar com as necessidades de cidadãos honestos com muita vontade de trabalhar. (uma amiga da Tribuna Operária - São Paulo, SP).

Posseiros de Cachoeirinha conquistaram terra

Há 17 anos os conflitos por terra na região de Cachoeirinha se iniciaram, quando latifundiários expulsaram centenas de posseiros de suas terras com o auxílio de jagunços e policiais. Desde então foram efetuadas várias tentativas para reaver as posses, com os posseiros permanecendo bravamente às beiras das cereais que limitam as grandes fazendas. Mortes por assassinatos, fome e subnutrição eram constantes durante os anos de resistência.

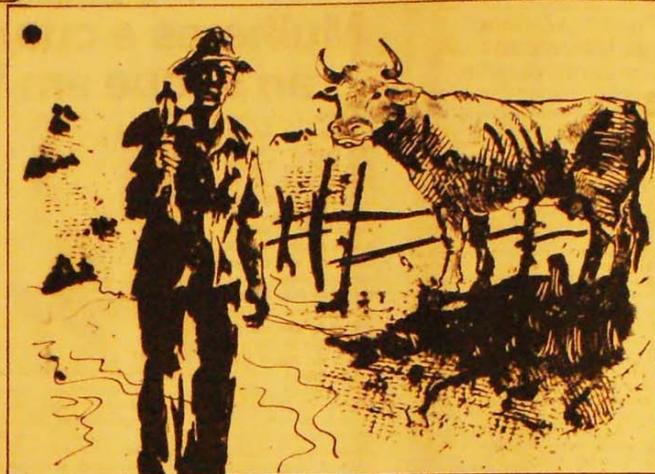
Há dias passados outra

tentativa ocorreu e a resposta foi a mesma: violência e arbítrio. Desta vez porém, os posseiros reagiram de maneira diferente. Decididos que estavam de reaver suas terras "na lei ou na marra", cerca de 50 posseiros se dirigiram para o Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, no intuito de exigir do governador mineiro uma solução para o problema. E finalmente no dia 6 de outubro, entre lágrimas e gritos de emoção todos comemoraram a vitória. Tancredo Neves assinou

decreto desapropriando uma área de 13 mil hectares de terra, abrangendo 16 fazendas, entre as quais está a do odiado coronel Jorginho Jorge.

Os posseiros reconheceram que a luta ainda não terminou e que a consolidação da vitória só será possível com mais união e coragem. Porém agora a disposição de luta é ainda maior. A Faemg e Sindicatos Rurais do Estado estão tentando fazer o governador voltar atrás sob o argumento de que o decreto é anti-jurídico. Afrânio Sil-

va, coordenador sindical da Secretaria do Trabalho do Estado — que acompanha a vários anos este problema quando era advogado dos Sindicatos de trabalhadores rurais do norte de Minas — estranhou a falta de apoio dos partidos políticos de oposição, com exceção do PMDB. E também da ausência representantes mineiros da CUT, pois segundo sua avaliação, esta foi a maior vitória do movimento sindical nos últimos anos. (Do correspondente em Montes Claros, Minas Gerais)



Sindicalista é ameaçado de morte em Itapipoca

Eliônardo Gonçalves de Souza, delegado sindical na localidade de Mocambo, em município de Itapipoca, a 150 kms de Fortaleza, está sendo ameaçado de morte pelo latifundiário José Ronaldo. No mês de março passado José Ronaldo jogou várias reses nas roças dos lavradores, comendo as suas plantações. Por diversas vezes os trabalhadores foram ao latifundiário pedir para retirar o gado de suas lavouras. Nada conseguindo, resolveram então matar um garrote como aviso de que a pa-

ciência deles estava se esgotando.

A questão está na justiça, com o latifundiário exigindo o absurdo valor de Cr\$ 600 mil e um garrote e os trabalhadores Cr\$ 1.200 mil pelo estrago feito pelo gado durante meses nas suas lavouras. Eliônardo está sendo ameaçado de morte pelo prepotente latifundiário, pelo fato de, como membro da Comissão de vitória nomeado pelo sindicato dos trabalhadores, ter dado razão aos lavradores.

Também tem causado estranheza na cidade o fato de

advogado Chagas Vasconcelos, eleito deputado federal pelo PMDB, em vez de defender os trabalhadores, como falava na época da campanha eleitoral, estar defendendo perante a justiça o odiado latifundiário.

Está marcada uma audiência para o dia 27 de outubro e a disposição dos trabalhadores é de não trabalharem nesse dia e realizarem uma manifestação na cidade contra a prepotência dos latifundiários e pela conquista de seus direitos. (um leitor da TO de Itapipoca, Ceará).

Neste número destacamos a carta enviada pelos trabalhadores da fábrica de armas Taurus, em São Paulo, onde denunciam a superexploração de que são vítimas. Além da falta de segurança os operários são vigiados por ex-militares dedo-duros como se fosse um campo de concentração. Enquanto os patrões usam pistolas de ouro a governança do PDS e a milícias, os empregados que participaram da greve do dia 21 de julho contra o arrocho salarial foram sumariamente demitidos. Mas os operários também tiram licenças desastrosas demonstrando que a sua luta não pode ser isolada. Sabem que todos os trabalhadores devem se unir para lutar contra o causador de toda esta situação, o governo federal, em busca de liberdade em nosso país.



fala o POVO

A Formluz quer aplicar golpe nos operários

A Formluz, fábrica de lustres cujo dono chama-se Manoel, fica na Vila Olímpia e é um antro de exploração. Lá não tem refeitório, somos obrigados a almoçar no meio da graxa e chegou um minuto atrasado simplesmente não entra.

Este indivíduo abriu uma outra empresa em Diadema com a intenção de aplicar um golpe nos operários pedindo a falência da Formluz, sendo que a firma de Diadema chama-se Formluz e está funcionando juridicamente desde maio de 1983.

Os banheiros e os vestiários estão em péssimas condições e quando é visitado por um fiscal este é subornado com altas somas.

Quisquer senhora que engravidar trabalhando nesta empresa é despedida por justa causa. Não se deposita o fundo de Garantia; não se paga o INPS; não se deposita o PIS; não se paga as férias. Não se registra carteira profissional no prazo determinado por lei, somente fazendo após exploração do funcionário entre dois e seis meses; e atrasa o pagamento.

Diante deste quadro, vemos que para o patrão ladrão não há polícia, mas para o trabalhador que reclama seus direitos sim.

A única saída para acabar com esta situação é a derrubada do regime que favorece a tudo isso. (ex-operários da Formluz - São Paulo, SP).

Funcionário perde emprego no Piauí por ser do PMDB

Estou escrevendo à Tribuna Operária para fazer um resumo do que está ocorrendo comigo aqui em Monsenhor Gil. Desde o ano passado que eu venho sofrendo perseguições dos políticos do PDS. O principal perseguidor é o ex-candidato derrotado na última eleição, o sr. João Antonio do Vale Batista, que é meu compadre de filho.

Eu era funcionário da Agépisa, mas por que eu estava fazendo campanha para o PMDB me promoveram até uma pisa. Mas não desisti e o meu candidato foi o grande vencedor. Só que depois que eles perderam, as perseguições aumentaram. Fui demitido da empresa sem motivo. O único motivo é que sou torcedor do PMDB.

Mas não ficou só aí. Agora no mês de julho para agosto passei 50 dias fazendo teste na Sepisa para trabalhar aqui na minha cidade. Mas quando eu



José Garcia, demitido sem motivo

já tinha recebido todas as matérias para trabalho, o sr. João Antonio já tinha ido por trás e tinha cancelado tudo. E a resposta que recebi é que eu não trabalho em nenhuma repartição que pertença ao Estado. (José Garcia Dias da Silva - Monsenhor Gil, Piauí).

Vereador progressista é censurado pela imprensa

Tenho lido constantemente a Tribuna Operária e divulgado o mais que posso aqui em Muriaé. E sem dúvida o jornal que defende os interesses dos trabalhadores que vêm lutando desesperadamente pela sua sobrevivência, num país rico onde o povo vive na mais extrema miséria.

Na medida do possível tenho dado a minha parcela de contribuição a esta gente sofridora, principalmente na imprensa, quando os meus artigos não são barrados pela censura daqueles que não têm

coragem de exercer o jornalismo livre e democraticamente, respeitando a filosofia "A imprensa é a vista da nação e uma nação cega é uma nação que se perdeu". Agora acabo de compilar mais um artigo intitulado "O Brasil sobre areias movediças" e os jornais daqui se recusaram a publicar com medo do governo e das multinacionais que mantêm suas propagandas neles dominando assim a falsa imprensa do interior. (Newton Frade, secretário geral da Câmara Municipal de Muriaé, Minas Gerais).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Atenção ao que está em mudança

Já não resta dúvida que o governo Figueiredo está com seus dias contados. Mas ao abordar a questão prática de como enterrar este defunto político, surge entre os trabalhadores a pergunta: eleições diretas para a presidência da República ou de imediato um governo provisório?

OBJETIVOS E MEIOS

Esta dúvida reflete ainda uma certa confusão entre os objetivos da luta e os meios para realizá-la. A política do proletariado nesta etapa visa conquistar um governo popular revolucionário que, através de uma democracia popular, abra o caminho para o socialismo. Mas para realizar este projeto o povo tem hoje pela frente o regime militar. Para que as amplas massas possam discutir e se organizar, e cumprir até o fim seus planos revolucionários, o objetivo imediato é liquidar o regime militar e conquistar a mais ampla liberdade política.

A luta por eleições diretas para a presidência da República pode ser uma forma concreta de desmantelar os propósitos continuistas dos generais, impedir a nomeação de um novo ditador a partir de 1985 através do Colégio Eleitoral ilegítimo, e apressar o fim do regime. É uma bandeira justa, que serve como meio para acumular forças no campo democrático, pois goza da simpatia da imensa maioria dos brasileiros. E contribui para isolar mais ainda os inimigos da liberdade. Mas não pode se transformar em um objetivo em si mesmo.

MUDANÇA PARTICULAR

Nos dias em que vivemos, acelerar-se o desmantelamento do poder estabelecido, abalado por crise sobre crise. O sistema de poder montado nestes quase 20 anos de arbítrio entra em colapso evidente. Os governantes já não conseguem manter a unidade em suas fileiras. Inclusive os setores mais empedernidos da direita articulam-se para possíveis soluções de emergência. O povo não suporta mais as condições de miséria em que se encontra e que a cada dia se agravam ainda mais. Os democratas e patriotas elevam a voz inconformados com o arbítrio e com a traição à pátria. O governo já não tem condições de governar como vinha fazendo. Um incidente qualquer pode conduzir a uma crise de poder e provocar um desfecho rápido da tempestade política.

Nesta situação, seria cegueira política aferrar-se unicamente à campanha eleitoral para buscar a saída democrática. Principalmente ao se considerar que as instituições burguesas — as eleições inclusive — não foram feitas na verdade para garantir a liberdade mas para assegurar o poder das classes dominantes contra o povo. Se em certas circunstâncias é correto aproveitar-se de certas vias para lutar e incorporar as massas na batalha política, não não pode obscurecer o fato de que o objetivo imediato não é o regime e não as eleições por si mesmas.

O proletariado, diz Lênin tem que "saber perceber, encontrar, determinar com exatidão o rumo concreto ou a modificação particular dos acontecimentos suscetíveis de levar as massas à luta revolucionária".

INTERVENÇÃO POPULAR

Não se trata portanto de opor eleição direta ou governo provisório. A campanha por eleições diretas ou a intervenção firme do movimento popular em unido com todas as forças democráticas e patrióticas para formar um novo governo e conquistar a liberdade.



Em meio aos ataques de sua máquina, o brasileiro Piquet

Piquet, ídolo do "esporte" capitalista

Nelson Piquet, pela segunda vez, venceu o Campeonato Mundial de Pilotos de Fórmula 1. O título foi decidido na última prova, na África do Sul, e Piquet repetiu o campeonato de 1981, quando recebeu o título de Carlos Reutman, também no último Grande Prêmio do calendário.

O piloto brasileiro tinha dois pontos a menos que o francês Alain Prost. Piquet acabou em terceiro, marcando três pontos, e Prost abandonou a corrida antes do final, deixando escapar aquele que seria o primeiro título de Fórmula 1 para um piloto brasileiro.

A imprensa esportiva brasileira rasga saias e manchetes de louvação ao "bi-campeão" brasileiro. Não satisfeita, deu mais força à empolgação e comemoração pela segunda vez do bi-campeão ao primeiro ganho por brasileiro no F1 (Fórmula 1) em 1972 e 1974.

Na verdade, não somente outro ainda não tem sido campeão. Ainda por cima, Emerson deve voltar ao "circuito" no ano que vem, correndo pela Alfa Romeo. Não são estes os peões da máquina que Jackie Stewart, vencedor em 1969,

tem chamado de Grande Hill, ganhado em 1963 e 66, encerrou a sua longa carreira da Fórmula 1 sem a glória de bi-campeão. A designação "bi, tri, tetra" etc., sempre foi usada no esporte para os casos de vitórias sucessivas. Essa prática mudou a partir de 1980, quando ganharam a Copa de Futebol pela terceira vez e a grandiosíssima retórica da propaganda do "milagre" inventou a mentira.

Nelson Piquet, o novo festejado campeão, impereja no exemplo mais acabado de esporte capitalista, comercial e triunfal. Em suas declarações após a conquista do título, o piloto, mesmo azedo e mal-educado do que o

Um filme albanês estreia no Brasil

No próximo dia 25, pela primeira vez, o público brasileiro terá a oportunidade de assistir a um filme albanês — "Quando rodávamos um filme", um longa-metragem colorido de ficção, produzido em 1981 e detentor do segundo prêmio do Festival Internacional de Salerno — 1983. Será exibido na 7ª Mostra Internacional de Cinema, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP).

A exibição é esperada com curiosidade. Os cinefilos interessam-se em conhecer uma amostra da produção cinematográfica albanesa, ainda inédita no Brasil. E um público considerável deverá comparecer ao MASP às 14 e às 19:30 horas, na Av. Paulista, 1.578, atraído pela oportunidade de ter um contato mais direto com o socialismo albanês.

O roteiro de "Quando rodávamos um filme" situa-se precisamente na Albânia de hoje. Um jovem casal, com um filho que é artista-mirim, vive problemas conjugais e domésticos para o divórcio. O marido, um trabalhador simples, sente-se incomodado com os excessos da mulher na profissão e com seu jeito atirado de viver a vida. O menino sofre. A história toda gira em torno de como a sociedade albanesa encara e trata a questão.

EM 1944, DOIS CINEMAS

A película que será exibida no MASP é bastante representativa da arte mais moderna do socialismo albanês. Com seu primeiro filme, um documentário de curta metragem, surgiu somente em 1947, a Albânia ingressou tardiamente na era da produção cinematográfica. E mesmo as cenas de exibição eram apenas duas quando o país se libertou da ocupação nazi-fascista, em novembro de 1944. Assim, em 1951, quando foi fundado o Estúdio Cinematográfico Nova Albânia de propriedade do Estado socialista, praticamente tudo estava por fazer.

Foi com considerável rapidez que se suprimiu este atraso, criando uma produção cinematográfica surpreendentemente amadurecida com um despojamento que lembra às vezes o nosso Cinema Novo, mas bem cuidada e criativa. O



Cena de "Quando rodávamos um filme", o divórcio albanês

país produz 14 longa-metragens por ano, o que não é pouco para uma população de 3 milhões de habitantes. Apenas o obscurantismo militar fascista reinante até bem pouco no Brasil explica que nada disso tenha chegado aqui.

A ATUALIDADE EM FOCO

Nos anos 80, o cinema albanês tem passado por algumas transformações dignas de registro, e é precisamente neste sentido que "Quando rodávamos um filme" é mais representativo. Passou a dar mais ênfase ao enfoque dos temas de atualidade, dos problemas candentes da construção do socialismo albanês hoje.

Na fase anterior essa temática também era abundante, mas a primazia provavelmente ficava para os filmes sobre a guerra antifascista de libertação nacional. Essa ênfase, sem precedente na atribulada e antiquíssima história do povo albanês, marcou profundamente a consciência nacional. Aquele pequeno país, com um milhão de habitantes na época, formou um exército de 70 mil guerrilheiros, enfrentou e venceu sucessivamente as tropas muito mais numerosas dos invasores italianos e alemães e inaugurou finalmente, com a libertação, uma página inteiramente nova em sua vida. E compreensível que esta memória primeira riquíssima tenha sido largamente aproveitada, como continua a ser, pelos escritores e artistas em geral e pelos cineastas em particular.

Assim, no Festival do Cinema Albanês deste ano, de 25 películas exibidas 15 tratam de temas atuais. O filme ven-

cedor, "Um bom homem", por exemplo, relata o caso de um jovem técnico agrícola, perseguido pelas intrigas do novo de sua irmã. Já "O nosso companheiro Fil" põe no banco dos réus os caducos conceitos da velha pedagogia, às voltas com um estudante secundarista que não liga muito para os livros mas é o "maior" no futebol e na música. "O ar quente das profundezas" fala da vida dos trabalhadores de uma nova mina.

UM MAÇO DE CIGARROS

Com esta nova ênfase, o cinema albanês passa a tocar mais de perto o seu público. "Nós vivemos a realidade socialista" — argumenta num artigo recente Dritero Agolli, presidente da Liga dos Escritores e Artistas — e, quando esta se reflete na arte, sentimentos imediatamente tanto a beleza quanto a debilidade de uma obra". É, portanto, um desafio. Mas um desafio que termina trazendo resultados benéficos, inclusive para o público brasileiro, interessado acima de tudo em conhecer mais de perto como é afinal o socialismo albanês.

Vale dizer ainda que as cenas de exibição agora estão espalhadas por todo o país, inclusive nas cooperativas agrícolas das mais remotas zonas montanhosas. Não há menção na Albânia, mas em compensação uma entrada de cinema custa menos que um maço de cigarros, o mesmo valendo para o teatro, a ópera e baé.

Um festival de folclore que mexe com a Albânia

Este mês a Albânia exibiu um espetáculo musical como existem poucos no mundo: num castelo medieval, na região mais alta de uma cidade histórica, realizou-se a fase final do Festival Folclórico de Gjirokastra, com a participação de cerca de um quinto da população do país. Na Albânia socialista, um em cinco habitantes integra os grupos folclóricos criados por empresa, escola, aldeia, etc.

Nesta fase final do Festival tomaram parte cerca de 1.700 artistas populares. O evento, que realiza-se de cinco em cinco anos, é uma verdadeira festa nacional de sons e cores e virtualmente monopolizou as atenções da cidade de Gjirokastra, além de ser transmitido pela televisão a todo o país.

Durante três dias a Albânia apresentou ali o melhor de sua música popular. Embora seja um país pequeno, é impressionante a riqueza e sobretudo a variedade dessa produção. Cada região, cada micro-região, cada aldeia às vezes possui a sua maneira especial de cantar e dançar. No norte do país predomina um tipo de minuetrel que faz lembrar os cantadores nordestinos mas faz-se acompanhar pela *çiftelia*, um estranho violino de uma só corda. O sul é a terra das "canções polifônicas", a várias vozes, sem acompanhamento musical, velhas de vários séculos.

O resultado é uma produção abundantíssima, com raias nacionais e populares muito sólidas e ao mesmo tempo com um conteúdo que marcha passo a passo com a construção da nova sociedade. O Festival de Gjirokastra, acompanhado com interesse por folcloristas de diversos países, foi uma amostra dessa vitalidade.

atensões da cidade de Gjirokastra, além de ser transmitido pela televisão a todo o país.

Durante três dias a Albânia apresentou ali o melhor de sua música popular. Embora seja um país pequeno, é impressionante a riqueza e sobretudo a variedade dessa produção. Cada região, cada micro-região, cada aldeia às vezes possui a sua maneira especial de cantar e dançar. No norte do país predomina um tipo de minuetrel que faz lembrar os cantadores nordestinos mas faz-se acompanhar pela *çiftelia*, um estranho violino de uma só corda. O sul é a terra das "canções polifônicas", a várias vozes, sem acompanhamento musical, velhas de vários séculos.

O resultado é uma produção abundantíssima, com raias nacionais e populares muito sólidas e ao mesmo tempo com um conteúdo que marcha passo a passo com a construção da nova sociedade. O Festival de Gjirokastra, acompanhado com interesse por folcloristas de diversos países, foi uma amostra dessa vitalidade.

O resultado é uma produção abundantíssima, com raias nacionais e populares muito sólidas e ao mesmo tempo com um conteúdo que marcha passo a passo com a construção da nova sociedade. O Festival de Gjirokastra, acompanhado com interesse por folcloristas de diversos países, foi uma amostra dessa vitalidade.

Artista popular: um em cinco habitantes participa do Festival

Tríbuna Operária

Endereço: Rua Adolpho Balthazar, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, São Paulo, CEP: 01318. Telefone: 36-7531 (200-811). Telefax: 011-320-93 (40-90).

Subscrições:
ACRE — Rio Branco, CEP: 99000-000. Exp. Experimental Rio Branco, CEP: 99000-000. AMAZONAS — Manaus, CEP: 99000-000. PARRA — Belém, CEP: 99000-000. MARANHÃO — São Luís, CEP: 99000-000. PIAUI — Teresina, CEP: 99000-000. CEARÁ — Fortaleza, CEP: 99000-000. RIO GRANDE DO NORTE — Natal, CEP: 99000-000. RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre, CEP: 99000-000. PARANÁ — Curitiba, CEP: 99000-000. PERNAMBUCO — Recife, CEP: 99000-000. ALAGOAS — Maceió, CEP: 99000-000. BAHIA — Salvador, CEP: 99000-000. SÃO PAULO — São Paulo, CEP: 99000-000. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro, CEP: 99000-000. MATO GROSSO — Cuiabá, CEP: 99000-000. MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande, CEP: 99000-000. ESPÍRITO SANTO — Vitória, CEP: 99000-000. GOIÁS — Goiânia, CEP: 99000-000. FEDERAL — Brasília, CEP: 99000-000.

Editora: Anita Garibaldi, com o apoio de...
A Editora Anita Garibaldi acaba de lançar o livro "O Eurocomunismo e o Anticomunismo", do principal dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha. O livro está em português e em francês. É uma verdadeira obra de arte, com um conteúdo muito rico e atual. O livro também contém um estudo sobre o processo histórico e das tendências revolucionárias do mundo atual. Enver Hoxha levanta também neste livro importantes questões relacionadas com a teoria e a prática da revolução socialista. O livro é distribuído em todo o mundo. Preço: R\$ 10,00. Editora Anita Garibaldi, Rua...
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi. É distribuída em todo o mundo. Preço: R\$ 10,00.

ENVER HOXHA
EUROCOMUNISMO E ANTICOMUNISMO
A Editora Anita Garibaldi acaba de lançar o livro "O Eurocomunismo e o Anticomunismo", do principal dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha. O livro está em português e em francês. É uma verdadeira obra de arte, com um conteúdo muito rico e atual. O livro também contém um estudo sobre o processo histórico e das tendências revolucionárias do mundo atual. Enver Hoxha levanta também neste livro importantes questões relacionadas com a teoria e a prática da revolução socialista. O livro é distribuído em todo o mundo. Preço: R\$ 10,00.

Trambiques do filho de Figueiredo

O escândalo da falência da Capemi e da venda de madeira de Tucuruí continua a crescer, e envolve diretamente um filho do general Figueiredo, Paulo Renato de Oliveira Figueiredo. Quando a Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga o caso quis ouvir o filho do general, o governo manobrou e suspendeu-a. Mas a oposição insiste em apurar a verdade.

Há duas semanas, a Justiça do Rio de Janeiro indiciou 13 pessoas



Paulo Figueiredo, no Carnaval, e a madeira de Tucuruí, a preço de banana

diretamente envolvidas no criminoso processo de falência da Capemi: entre elas, Paulo Renato de Oliveira Figueiredo. Ao mesmo tempo o presidente da Câmara dos Deputados, Flávio Marcellio (PDS-CE), arbitrariamente suspendeu por algum tempo as atividades da CPI, para evitar a compra de depor sobre o mar de lama da Capemi.

A participação de Paulo Figueiredo nessa negociação foi denunciada na tribuna da Câmara pelo deputado Elquisson Soares (PMDB-BA). O porta-voz da Presidência, Carlos Átila, ainda tentou desmentir o impossível, dizendo que o filho de Figueiredo era apenas acionista da empresa envolvida. Apurou-se, porém, que o sr Paulo Renato de Oliveira Figueiredo é na verdade um dos dois sócios da Metalquímica Comércio e Representações Limitada (o outro é Ricardo Coury), com um capital de Cr\$ 14.090.000,00, segundo o registro nº 198709 da Junta Comercial do Rio de Janeiro.

A história é tão simples quanto escandalosa. A empresa de Paulo Figueiredo tinha um contrato com a Capemi para comprar parte da madeira retirada de Tucuruí; só que comprava a madeira por 9 mil cruzeiros o metro cúbico, quando o preço de custo era na

verdade de 31 mil cruzeiros o metro cúbico, segundo os próprios levantamentos contábeis da Capemi.

Essa fantástica operação era feita contrariando o departamento jurídico da Capemi. Num parecer datado de 22 de junho de 1982, o advogado daquela empresa, Adeodato Dantas, pedia até a rescisão do contrato com a Metalquímica e outras empresas, pois só o prejuízo com a madeira vendida à Metalquímica subiria a 3 bilhões de cruzeiros (veja abaixo). O total da madeira vendida às empresas, segundo o acordo, daria à Capemi um prejuízo superior a 10 bilhões de cruzeiros.

Mas em vez de ouvir o advogado, a Capemi preferiu demitir e manter os contratos irregulares e lesivos que a levaram à falência.

"O governo Figueiredo bate todos os recordes de corrupção da história"

Para o deputado Elquisson Soares, autor das denúncias, esses contratos revelam um forte tráfico de influências. "Uma firmeta com um capital de 24 milhões de cruzeiros, como a Metalquímica, assinava contratos com a Capemi de até 1,6 bilhão de cruzeiros, sem qualquer aval ou garantia bancária, além de ser beneficiada comprando madeira por um preço inferior ao próprio preço de custo. Isso só ocorria porque a empresa era do filho do presidente da República. Esse é um exemplo típico do poder do tráfico de influência do SNI e da Presidência" — afirma o deputado.

A história da Capemi apresenta outras irregularidades flagrantes. O mesmo advogado Adeodato Dantas, em 14 de maio de 1982, informava em memorando ao diretor financeiro da Capemi que o cheque de Nº 071499 contra o BNCC, no valor de Cr\$ 31.220.000,00, "até o momento não tem sua vida contábil regularizada, ou seja, não existe documento adequado à comprovação de sua efetiva destinação". O advogado informava ainda que o cheque, emitido ao portador e entregue ao advogado Chaim Zalberg, sem nenhum comprovante, teria talvez servido para comprar dólares no câmbio negro.

Irregularidades como essas, envolvendo diretamente o grupo palatino, são inúmeras na história da Capemi. A CPI que investiga o assunto estava se transformando num poderoso instrumento para apurar essas denúncias, formalizá-las e entregar os culpados à justiça. Por isso ela sofre forte pressão do governo, como ocorre com a CPI da dívida externa (ver TO nº 140) e foi até suspensa pelo deputado Flávio Marcellio.

"O presidente da Câmara dos Deputados não tinha o poder de suspender o funcionamento de uma CPI, só o plenário da Casa poderia fazer isso. Por isso é que foi um ato arbitrário, que arranha a autonomia do Legislativo. A suspensão da CPI e a colocação do processo da Capemi sob sigilo de justiça confirmam o velho adágio popular, segundo o qual, no Brasil, só ladrão de galinha é que vai para a cadeia", ironiza Elquisson Soares.

Elquisson Soares diz não temer pressões nem ameaças. "Tenho dez quilos de documentos comprovando as irregularidades cometidas na Capemi" — afirma. Para ele, o governo não pode mais silenciar sobre as denúncias. "O governo Figueiredo bate hoje todos os recordes de corrupção da nossa história. Quando militares que participaram da revolução de 64 vão à CPI prestar depoimentos que comprometem de maneira refutável o ministro Delfim Netto, o governo fica na obrigação de mandar apurar todas essas denúncias, afastar os envolvidos de suas funções e enviar os culpados para a Justiça. Se não fizer isso, estará sendo conivente com a corrupção" — argumenta Soares. (Monseñor de Oliveira Filho, de Brasília).



Trabalhadores de um "bolsão da seca". "So paramos a greve quando pagarem o derradeiro salário"

Flagelados vão à greve

Oito mil trabalhadores do município de Morada Nova, Ceará, começaram dia 11 a primeira greve na história das secas. A direção e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O motivo, atraso no pagamento de salários. Sob pressão, o governo começou a pagar, mas os grevistas só voltam ao trabalho "quando pagarem o derradeiro".

No momento em que fechávamos esta edição, a greve de Morada Nova completara seu nono dia. Em Fortaleza, uma reunião de 110 Sindicatos de Trabalhadores Rurais, sob a direção da Fetraece (Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do Ceará), na quarta-feira, aprovou um documento hipotecando todo apoio aos grevistas.

Ouvindo pela Tribuna Operária, o presidente da Fetraece, José Eurico de Souza, sublinhou outra decisão tomada: se o governo cumprir sua ameaça e cortar algum grevista do "bolsão da seca", todos os Sindicatos entram em greve.

Eurico de Souza argumenta: "Se os professores estão em greve, se os médicos, que ganham mais do que nós, fazem greve, por que nós também não fazemos?". E conclui: "Essa greve é legítima e é o único meio de fazer o governo atender. Por isso a Fetraece dará todo apoio".

CORRUPÇÃO NOS BOLSÕES

A reunião dos sindicalistas rurais enfatizou também outras reivindicações mais gerais: Em primeiro lugar a reforma agrária, única solução de fundo para o trabalhador do campo. Também a liberação dos trabalhadores das frentes para cultivarem a terra, que nem sempre é sua mas da qual tiram seu sustento. O fornecimento de sementes para plantar. E o fim imediato de qualquer construção de beneficiários nas grandes fazendas, junto com a desapropriação das beneficiárias já retiradas.

Outro ponto de reclamação intensa são as irregularidades no alistamento, que não faltam, apesar das muitas denúncias dos sindicalistas. Graças a essa fiscalização dos trabalhadores, foram cortadas nos últimos dias as inscrições de 12 mil pessoas inscritas nas frentes em situação irregular — na maioria apadrinhados de políticos, comerciantes, altos funcionários e latifundiários.

O presidente da Fetraece comenta também que a campanha de doativos feita pela Rede Globo não passou de um palativo e ao terminar deixa a mesma situação de antes. "Lies

Mães de Iguatu em luta

"Tudo começou quando nós não aguentamos mais a pressão e decidimos convidar outras mulheres para invadir a Cofal e buscar alimentos" — conta uma das mulheres de Vila Centenária e Vila Neuma, na cidade cearense de Iguatu, assolada pela seca como todo o Nordeste. Ali o chamado bolsão da seca, no frente de trabalho, atinge apenas uma pequena parcela e exclui por completo as mulheres e os menores de idade. Mas no último dia 8 as mulheres, não suportando mais a fome que seus filhos estão passando, mobilizaram-se às centenas na luta por emprego e alimentação.



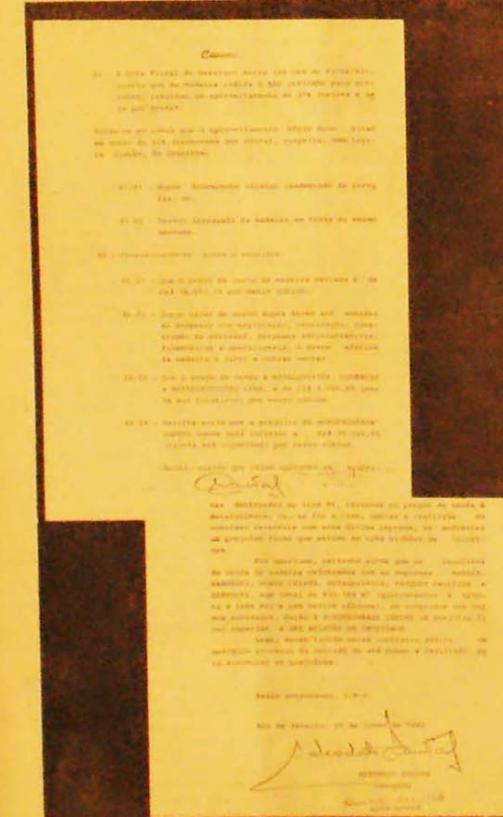
Por comida para nossa família, todas repulidas também a detenção do secretário do PMDB local, Tarcísio Barbosa. "O rapaz que foi de tudo apenas estava apoiando a nossa luta" — contam.

A Vila Centenária é o único bairro de Iguatu que tem Associação de Moradores. Um de seus integrantes explica que a Associação não desempenhou papel de direção nesta manifestação, mas sendo um instrumento de luta dos moradores deste bairro está de portas abertas à participação dos moradores e apoiará qualquer movimento que seja para melhorar a vida do povo do bairro. (do correspondente)

Que houve com o Ceará?

Greve nos "bolsões da seca", sucessivas manifestações e até saques promovidos por mulheres: o que ocorre com o sertão do Ceará? Durante gerações a floresta do Brasil construiu um sistema sofisticadíssimo, em certo sentido, para garantir a subsistência do valente povo sertanejo. Ainda há pouco, nas eleições de

82, esse esquema funcionou com rara eficácia, rendendo votos ao PDS. O que acontece hoje são os sintomas do apodrecimento desse sistema. Não de golpe, mas aos poucos, às vezes quase imperceptivelmente, ele marcha para a covas. A seca, a fome, que no passado sempre ajudaram o reinado dos coronéis, agora geram também a rebeldia contra eles. necessidade da reforma agrária. Eu acho que só vamos ter reforma se tivermos os mudamos nos regimes e se de fôlego latifundiário e multicação", ironiza ele.



Fac-símile do parecer, inédito, em que o advogado Adeodato Dantas mostra como o filho de Figueiredo faturava na Metalquímica com a madeira de Tucuruí